A questão da linguagem nos romances de Vergílio Ferreira

Maria Joaquina Nobre Júlio



Na grande corrente da literatura contemporânea que tem a linguagem como referente e/ou a põe em questão, para desse questionamento tirar as últimas consequências, seria de estranhar que não entrasse Vergílio Ferrrira. Como escritor permanente e profundamente atento a toda a problemática do homen, e sendo como é a crise da linguagem, uma das mais trágicas do nosso tempo, ao mesmo tempo causa e sintoma da morte de homem como sujeito, a questão da linguagem não podia deixar de se pôr nos seus romances. E ela de facto está lá, e está lá nas duas vertentes em que se põe: na vertente da destruição da linguagem, e na vertente da sua recuperação, digamos assim, da busca de uma palavra que diga tudo, e ao homem, ao narrador-protagonista que empreende essa busca, o diga todo..

A análise que me proponho fazer da questão de linguagem nos romances de Vergílio Ferreira compreenderá três momentos: 1. Destruição da linguagem; 2. Reflexão interrogativa (e admirada) sobre a linguagem; 3. Busca da palavra essencial.

1. DESTRUIÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem como objeto de reflexão, a sua tematização e, no caso extremo, a sua destruição, encontram-se de forma bastante eloquente em alguns romances de Vergílio Ferreira, constituindo mesmo a *palavra*, tema central em *Para Sempre*.

Vejamos alguns momentos dos, quanto a mim, mais significativos, dessa tematização, na perspectiva da destrição da linguagem.

No seu conteúdo fónico-semântico, a linguagem é sujeita a um processo de destruição em *Aparição*, numa experiência que nos é relatada em segunda instância pelo narrador-protagonista, que por sua vez a recebeu de um seu aluno do Liceu de Evora, o Carolino. A experiência, incipiente, e com o seu quê de ingénuo, é a seguinte:

> *"-Bem... Não sei como explicar. É assim: mastigar as palavras.*
>
> *-Mastigar as palavras?*
>
> *-Bem... É assim a gente diz, por exemplo, pedra, madeira, estrelas*

ou qualquer coisa assim. E repete: pedra, pedra, pedra. Muitas vezes. E depois pedra já não quer dizer nada". [1]

En *Nítido Nulo*, a destruição da linguagem toma a forma de um divertimento infantil, em que o sujeito se comprazia num jogo que, alterando o sistema linguístico, alterava também logo toda a realidade:

"- (...) Quando era criança é que brincava às palavras. Falar em pp, por exemplo. Dizer "o-po, mar-par" em vez de "o mar". [2]

"Dizia, suponhamos"

-Dias bons

em vez de "bons dias". E era logo outra coisa, sendo todavia a mesma, eu sentia-me numa terra estrangeira"[3]

Outro aspecto de destruição da linguagem consiste na desmontagem de discursos. Nos romances de Vergílio Ferreira há muitos discursos, de várias naturezas. Há-os, por exemplo, em *Estrela Polar*, em *Nítido Nulo*, em *Rápida, a Sombre*, em *Signo Sinal*, em *Para Sempre*; há-os sobre política, religião, educação, etc., e sempre eles são objecto de uma desmontagem simtáctico-semântica, de que resulta o seu esvaziamento de qualquer sentido. A oratória resulta assim ridicularizada e a sua inutilidade manifesta.

Em *Nítido Nulo*, nos discursos do chefe, é a diacronia que é posta em causa, quando aquele é levado a discursar numa linguagem arcaica, num processo de recuo no tempo que parece não deixar dúvidas quanto á sua intenção: do anacronismo da linguagem em que se exprime, facilmente se passa à desmitificação do chefe e se põe em causa a sua autoridade, o que, no contexto do romance e de toda a obra vergiliana, não deixa de ter profundas implicações teológicas. Em nome de autonomia do homem e da sua grandeza, recusa-se tudo quanto possa limitá-la: os chefes políticos, os mitos criados pelo homem para se proteger dos seus terrores, Deus.

Para Sempre merece, em relação à questão da linguagem, uma referência especial, na medida em que neste romance a palavra é, como já dissemos, tema central. Esta afirmação é, aliás, corroborada pelo próprio escritor que, em *Conta-Corrente 4* nos diz:

"O meu romance Para Sempre tem como tema fundamental o problema da 'palavra'." [4]

Aposentado de Director da Biblioteca Geral, portanto no fim de uma vida de

---

(1) *Aparição*, 1959, p.72, 116.
(2) *Nítido Nulo*, 1971, p.55.(3) *id.*, p.57.
(3)*id.*, p. 57.
(4) *Conta-Corrente* 4, 1986, p.365.

contacto, não só exterior com os instrumentos de muitos saberes, o protagonista denuncia o que ele depreciativamente chama de "barulheira infernal", de "falatório ensurdecedor", de "infernal feira de palavras" em que se transformou o mundo moderno. É, por um lado, a inflação da palavra que aqui se denuncia, e por outro, com a lição de linguística, a máxima expressão da sua vacuidade, quando, deixando em aberto a hipótese de haver uma palavra fundamental que, raiando o silêncio primordial, exprima o homem, o professor afirma, no entanto, a língua como "uma rede fechada sobre si" [5] e os problemas da política, da filosofia, de religião, numa palavra, do homem, como "uma rede formal de ilusão e de vazio" [6].

Parece poder afirmar-se, assim, que o pensamento romanesco de Vergílio Ferreira se vinha de há muito orientando para esta conclusão, que, no entanto, veremos mais adiante, não faz assumir às suas personagens. Tendo vindo problematizando a linguagem em breves experiências de destruição da mesma, aos vários níveis da sua constituição, em *Para Sempre* é a linguagem como um todo que é submetida a um processo de crítica, de que resulta, por um lado, o seu inflacionamento, e por outro, a sua negação como sistema simbólico e meio de comunicação entre os homens.

No último romance publicado, *Até ao fim*, são dois os passos em que encontro a questão da linguagem no sentido da sua destruição. O primeiro é a propósito das aulas de Religião e Moral que o filho deve ou não seguir. O narrador tem a seguinte relexão sobre o esvaziamento que não deixa de ser inquietante precisamente porque redutor:

> *"Curioso, já quase nada quer dizer nada. Crença/descrença, monárquico/republicano, direita/esquerda, homossexual/heterossexual, honestidade/desonestidade, judeu/não judeu, luco/comjuízo e assim"* [7].

O segunda passo encontra-se no contexto da progressão de Miguel, o filho no caminho da marginalidade:

> *"Foi quando o seu vocabulário começou a desnaturar-se de termos estranhos ao meu ouvido regulamentar. Ouvia-o ao telefone, às vezes mesmo com amigos que trazia para casa. Dizia "ganza", ou "speed", ou "drunfo", ou "snifar". Mas havia um vocábulo mais frequente e esse eu conhecia-o. "Comunitário", "comunidade" - que é que queres dizer?"* [8].

A pregunta tem inteira razão de ser: assiste-se aqui a um desvirtuamento da linguagem. Mesmo os termos mais significativos e mais comuns perdem a sua significação tradicional para adquirirem conotações esotéricas só acessíveis aos membros da seita. Mais inquietante ainda do que no passo anterior, esta nova linguagem vem carregada de um significado ambíguo e, à luz do desfecho que a acção irá ter, a morte do filho, profundamente trágico.

---

(5) *Para Sempre*, 1983, p.193.
(6) *id.*, p. 196.
(7) *Até ao fim*, 1987, p.177.
(8) id., p.229.

Concluiremos esta análise da destruição da linguagem nos romances de Vergílio Ferreira com um exemplo extremamente significativo. Trata-se da figura da Muda em *Signo Sinal*. Aos discursos estéreis dos revolucionários, às conversas banais, por vezes obscenas dos habitantes da aldeia, o narrador contrapõe a Muda com a sua linguagem de monossílabos, cuja função é a de desmascarar a esterilidade desses discursos, de, já aqui, denunciar uma certa inflação da linguagem:

"-UUaap. Ma...pe...tutu... U...u Ap...Pô...pô" [9]

Com a Muda (sempre referida em maiúscula, o que lhe aumenta o valor simbólico) não temos o silêncio, como um valor positivo, mas uma linguagem pré ou inumana, próxima da animalidade que, contraposta à linguagem dos outros, lhe faz ressaltar o absurdo.

Não deixa de ser curioso verificar como, alguns anos antes de Michel Foucault anunciar a morte do homem, uma personagem de Vergílio Ferreira, precisamente o narrador de *Aparição*, relaciona a destruição da linguagem com a morte, não só nem principalmente física, levando o Carolino a matar Sofia, mas metafísica, na medida em que o Carolino sente em si o poder de criar e matar, ou de criar matando, em substituição dos deuses mortos, o que leva o narrador a olhá-lo "feroz e aterrado". [10].

As personagens de Vergílio Ferreira que, como estamos a ver, procedem elas, ou fazem proceder a outros, à destruição da linguagem, assumem, em relação a este processo, un distanciamento, uma atitude analítica, para o denunciarem e criticarem. Assim, quando o narrador de *Aparição* diz que olhou Carolino "feroz e aterrado", ou quando faz a sua autojustificação dizendo que, enquanto seu professor, não quis ensinar-lhe a morte mas a vida, o que temos aí senão a condenação desse atitude anti-humana que traz em si germes de morte? A sua reacção à experiência do Carolino é a prova de que para ele o que está em causa é precisamente o homem, de que, recusando-lhe a linguagem como expressão do seu ser homem, se corre o risco de esvaziá-lo dos seus valores, de reduzi-lo a um fantasma, e, consequentemente, de matá-lo.

A mesma consequência se tira de lição de linguística em *Para Sempre*: considerando tudo, filosofia, política, religião, mesmo as vulgares relações humanas "uma rede formal de ilusão e de vazio", procede-se à morte dos valores, e, na sequência da morte dos valores em favor da estrutura, do sistema, não estamos muito longe da morte do homem como sujeito pensante e falante.

Mas a essa consequência, o herói vergiliano não adere, como verificamos também em *Nítido Nulo*, quando o protagonista diz, referindo uma conversa com o filho:

> *" -de que estava eu falando? Ah, de máquinas, de motores, o motor sou eu. E esta verdade simples é tão terrível, tão alucinante. E por isso que há já quem a conteste. Porque de tal modo nos habituámos a contestar*

---

(9) *Signo Sinal*, 1979, p.73.
(10) *Aparição*, p.177.

tudo, que há já quem conteste existir o contestador. E a opinião do meu filho"

e conclui, no registo da ironia:

"Porque eu ainda nao cheguei a essa sabedoria" [11].

Neste último romance,a conotação metafísica da problematização da linguagem é muito forte: em forma de interrogação, que é a forma constante de o herói vergiliano exprimir o seu espanto e o seu alarme perante o mistério do mundo e do homem, o protagonista mostra como a questão da linguagem passa, não pela morte de sujeito, mas pelo silêncio:

> *"Porque dizer esta coisa simples "eu etou aqui", se somos lúcidos não a podemos dizer. Porque aqui é onde? "Aqui" é uma cadeira, na cadeia, numa certa hora do dia e do ano, pois é o "eu" deste instante que está lá - mas "eu" quem? (...)*
>
> *É tudo tão difícil. Falar é tao difícil. Mesmo o falar"* [12].

Perante interrogações tão fundamentais como a da identidade, a conclusão que parece podermos tirar dos romances de Vergílio Ferreira é que não é nem a inflação da palavra, nem a sua destruição, que pacificam no homem a sede de saber, mas uma ascese feita de respeito pela palavra e de silêncio, não o silêncio do vazio e da morte, mas o silêncio fecundo de que a palavra saia dignificada e o homem liberto de todos os excessos que se forman acumulando no seu discurso em séculos de uso e abuso la palavra.

2. UMA REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM

Um segundo aspecto que a questão da linguagem reveste nos romances de Vergílio Ferreira, depois da sua destruição, que vimos no parágrafo anterior e a ela ligado, é uma reflexão sobre a mesma linguagem. Se o fenómeno da destruição de linguagem reveste, como tambem vimos, não a forma negativa de uma adesão, mas a forma positiva da crítica, em nome do homem como valor supremo, a reflexão sobre a linguagem segue na mesma linha de pensamento.

Convém desde já acentuar que esta não ocupa nos romances, obviamente, o mesmo espaço que ocupa noutros escritos do autor, nos ensaios e no diário, textos por vocação mais inclinados à elucidação teórica dos problemas. Tratando-se de romances, ela entra como um tópico ao lado de outros, constituindo com todos eles

---

(11) *Nítido Nulo*, p.140.(12) id. p. 58.
(12) id. p. 58.

a tessitura do romance, numa perspectiva mais vivencial e numa coerência textual e diegética que não pode deixar de se assinalar.

Mas se a reflexão sobre a linguagem não ocupa nos romances um espaçao muito vasto, ela está presente de forma suficientemente eloquente para merecer uma análise.

Que a linguagem está fundamentalmente ligada ao mundo e ao homem, exprime-o bem o herói de *Alegria Breve* que, sobrevivente do mundo velho e colocado no limitar do novo, sabe ter de inventar uma nova linguagem para esse mundo novo a recriar, [13] pois:

> *"Terá o pão já outro nome que eu não sei? Como se dirá agora "pão"?* [14]

e se interroga sobre a sua capacidade:

> *"aprenderei outra linguagem? não há palavras ainda para inventar o mundo novo"* [15].

A palavra aparece aqui com a função própia de nomear a realidade, e nomeando-a, de certo modo de criá-la. Como víamos no parágrafo anterior, em *Nítido Nulo*, alterar o sistema linguístico, procedendo a uma simples troca de palavras, era já outra coisa. A linguagem condiciona, assim, a visão do mundo.

A reflexão sobre a linguagem e a palavra tem, no discurso dos heróis de Vergílio Ferreira, a forma interrogativa e exclamativa, no registo da admiração:

> *"Que é uma palavra? que é a fala?"* [16]

> *"pequeno núcleo de sons - que é que está lá dentro? como é possível que esteja?"* [17].

Perante o mistério do significado:

> *"A palavra é um mistério"* [18]

> *"Uma voz fala inaudível - (...) que é que diz?"* [19]

como perante o conteúdo fónico, onomatopaico, do significante:

> *"Fímbria, timbre, limite - que inverosímeis palavras? que finas titilações? tinidos da memória"* [20]

---

(13) *Alegria Breve*, 1965, p.165.
(14) id. p. 84.
(15) id., p.273.
(16) *id.*, p.84; *Para Sempre*, p. 264.
(17) *Nítido Nulo*, p.17.
(18) *Alegria Breve*, p.80.
(19) *Nítido Nulo*, p. 141
(20) *Alegria Breve*, p.39.

as personagens vergilianas ficam estupefactas.

Esta reflexão filosófico-poética sobre a linguagem, que Vergílio Ferreira atribui, nos romances, aos seus heróis, e que ganha, noustros textos, mais vastas dimensões, enriquece-se aí de conotações teológicas (sob o signo negativo da morte de Deus, evidentemente). É o que vemos no já citado passo de *Conta-Corrente 4,* onde os nomes são, como no Crátilo, dom de Deus, que assim caucionava a concordância dos nomes com a realidade das coisas que criara: o "ao princípio era o Verbo" é visto como o fundamento dessa garantia de que os nomes eram adequados às coisas. Como para George Steiner ("The Apostle tells us that in beginning was the World. He gives us no assurance as to the end", *Language and Silence*, 1985, p.30), o "ao princípio era o Verbo", afirmação de carácter puramente metafísico, aparece ligado à crise da linguagem, consequência da morte do Deus da metafísica. Morto Deus, quem pode dar aquela garantia? Daí, conclui, o "desarroi do nosso tempo" (sublinhado no texto) [21]

Vergílio Ferreira detém-se na constatação desse *désarroi*: o seu antiteísmo, aliás menos axiomático nos últimos escritos, nunca o conduziu ao anti-humanismo. Pelo contrário: a este, Vergílio Ferreira denuncia-o e condena-o, repito, em nome e por amor do homem. Humanista, Vergílio Ferreira é o, assim, em toda a acepção do termo, como mostra ainda num texto que lhe peço licença para citar. Trata-se de uma carta que escreveu a um grupo de alunos de um liceu de Lisboa, em resposta a um exercício escolar sobre a *Carta ao futuro*. Diz ele:

> *"Sensibilizou-me particularmente que (nome da aluna) admitisse que daqui a uns séculos se perdesse o significado de valores como os de "amigo", de "diálogo" e "prazer de comunicação". Mas de vós todos depende em parte que esses valores se conservem para que se conserve simplesmente o valor do homem".*

Mas o "no princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto do Deus e Deus era o Verbo" não terá outra leitura? Esta frase com que abre o quarto evangelho não será também, ou não será antes a afirmação de que Deus nao é só (nem principalmente) o *Logos* abstracto da metafísica, mas uma comunhão de vida e de amor? O grego diz: "o Verbo estava junto *do* Deus e Deus era o Verbo". Basta a simples inclusão do artigo que o texto grego contém, para que a frase ganhe uma conotação pessoal, nominável. Supõe-se, assim, uma identificação, mas também uma distinção: são afirmados dois, e onde há dois, há amor, diálogo, comunicação - valores de que Vergílio Ferreira se faz, com a sua escrita, defensor para o nosso tempo.

Se assim for, Deus não será então só uma garantia racional, cartesiana, para a adequação da linguagem ao real, mas o fundamento mais que metafísico da linguagem como comunicação, como diálogo entre os homens.

Aliás, a procura de uma palavra de comunhão, de uma palavra que diga o homem todo no seu encontro com o (s) Outro (s) é o terceiro aspecto que reveste a questão da linguagem em Vergílio Ferreira, e que trataremos a seguir.

---

(21) *Conta-Corrente* 4, p.365.

3. BUSCA DA PALAVRA ESSENCIAL

É impressionante nos romances de Vergílio Ferreira a insistência no que intutulo de "busca da palavra essencial". Depois (não um *depois* cronológico, mas metodológico) de termos visto a crise da linguagem que reveste formas de destruição, e que os heróis não assumem à sua conta, mas atribuem a outros, e também uma reflexão sobre o fenómeno humano da linguagem na estranheza do seu mistério, vamos percorrer com os heróis vergilianos o itinerário que os conduz na busca da palavra. Este aspecto da questão ver-se-á a partir de quatro romances: *Estrela Polar, Alegria Breve, Nítido Nulo* e *Para Sempre.*

A busca da palavra revela-se essencial em duas perspectivas fundamentais: como meio de acesso à própria identidade do sujeito e como meio de comunhão com os outros.

A primeira pespectiva encontramo-la expressa em *Nítido Nulo*, quando o protagonista, prisioneiro e condenado à morte, espera de Sara uma palavra que o retitua à sua dignidade de ser, como ele diz dialecticamente:

> *"- terás tu a palavra necessária? É curioso, preciso então ainda da palavra. Para que quero eu a palavra? Que palavra?*
>
> *A palavra para ser, sem ela não sou. Não sou como?"* [22].

A necessidade da palavra, para que o sujeito se reconheça plenamente ele, passa, como vemos, pelo outro, neste caso, pela presençade Sara "presença amiga, mesmo só de estar ao pé". Isto põe uma profunda verdade antropológica: a dimensão relacional do homem, que só é verdadeiramente pessoa em relação.

Esta mesma dimensão encontramo-la em *Estrela Polar.* Este romance vive também da obsesasão da identidade pessoal e nele a procura de uma palavra de comunhão é insistente. O protagonista procura a comunhão com o outro nas pessoas das duas gémeas Aida/Alda. No desejo de atingir a plenitude da comunhão, aliás tornada simbolicamente impossível pelo desdobramento da mulher amada em duas tão iguais que se tornam inidentificáveis, o protagonista, após uns momentos de silêncio que sucede ao acto de amor com Aida, afirma:

> *"Já o silêncio se esgotou, as palavras poderiam enfim renascer"* [23].

Mas a realidade não corresponde ao desejo:

> *"Tento uma palavra simples que se abra entre os dois. Não a encontro"*[24]

(22) *Nítido Nulo*, p.16.
(23) *Estrela Polar*, 1962), p.89.
(24) *id.*

Falta a palavra que sagre o silêncio e sele o amor, que abra o sujeito à totalidade do mistério do outro:

"- Quem és tu-" (sublinhado no texto) [25]

Esse outro não é necessariamente sempre uma mulher. Tem é de ser alguém com quem o herói institua uma relação de amor/ternura, como vemos no seguinte passo:

> *"porque é impossível que não venha aquela palavra que espero, a palavra serena, húmida de ternura, verdadeira como a verdade de terra, a verdade de eu estar aqui, aquela palavra que de ti esperei, Ernestinho, ou que eu quis reconhecer, em que eu quis acreditar, desde longe, desde um outrora sem tempo, e que naõveio ou não ouvi ou me foi inverosímil como será sempre inverosímil nesta solidão absoluta, neste vazio de eternidade: meu filho...* [26]

Aqui apela-se para a relação pai/filho, primordial e precedente àquela que se estabelece entre homem e mulher. E há também a relação pai/filho, mas em que a situação se inverte: no final do romance é o filho que lhe morre, e a solidão do protagonista é então maior.

Em qualquer dos casos: pela morte do pai ou do filho, e pela confusão das duas mulheres tornadas para ele irreconhecíveis na sua identidade, para o herói a comunhão é impossível - a procura da palavra revelou-se infrutífera, porque, entre o sujeito que procura e o outro de quem a palavra se espera se interpõe sempre a realidade da morte que interrompe a palavra, o que leva o herói de *Nítido Nulo* a dizer, para o momento da sua morte que como condenado, espera a cada instante:

> *"Interromperei a palavra que estiver a dizer, porque a morte interrompe sempre uma palavra a meio, mesmo que já as tenhamos dito todas"* [27].

Nesta perspectiva é extramemente interessante o que acontece em *Alegria Breve*. Jaime e Agueda são os únicos sobreviventes do desastre universal simbolizado na aldeia deserta. Nesta situação de serem o último homem e a última mulher, Jaime leva Agueda para casa, como sua mulher. Mas entre eles não chega a consumar-se uma união de amor: Águeda repele-o, primeiro porque um padre lhes não confirmou a união.

"Vamos amanhã à vila -disse-me. -O Padre resolve-nos logo tudo"

> *"- Como? - exclamei. - Não és tu a última mulher? Na vila só há mortos, Agueda."* [28]

---

(25) *id.*, p. 90; ver também 172.
(26) *id.*, p.79.
(27) *Nítido Nulo*, p.53.
(28) *Alegria Breve*, p.263.

e depois, porque supõe, como dizia o pai dela, que Jaime vive com o demónio:

Oh, não, Águeda. Não vivo com ninguém. Em solidão perfeita." [29]

Águeda vai morrer, e Jaime espera dela uma palavra de reconciliação e de amor, palavra que selasse a situação-limite em que ambos se encontravam:

> *"Queria dizer alguma coisa, inarticulada palavra na boca contorcida, abrindo e fechando, e a língua e a língua... Abrindo e fechando numa palavra, a última, a mais pura, todo o processo encerrado de uma vida, o último sinal, o signo, a revelação, a última, irremediável. E então quis ajudá-la - "diz, diz" - e repetia na minha boca os movimentos da sua, e aproximei o ouvido, e ela disse enfim, ela disse, ela disse"* [30].

Mas a palavra esperada não foi dita. O que saíu dos lábios de Águeda moribunda foi uma palavra "sufocada de morte e de maldição" [31]. A palavra que Jaime ouviu em vez da que esperava foi:

> *"- Des...gra...ça...do..."*

Supondo-o tocado de contaminação diabólica, Águeda tem uma palavra de condenação, de maldição. Em todo o contexto, esta palavra tem um profundo significado sagrado de sentido negativo. Jaime assim o entendeu.

A palavra não cumpre a sua função de comunicação. Pelo contrário: aqui separa irremediavelmente. Palavra de morte e de maldição, cava mais fundo o fosso de separação entre aqueles que devia unir.

Para Sempre é mais uma vez referência obrigatória, e também expressão eloquente desta problemática. Nesse sentido nos orientam os versos de Saul Dias, que o escritor põe em epígrafe no romance: "A vida inteira para dizer uma palavra!/ Felizes os que chegam a dizer uma palavra".

Todo o texto do romance é percorrido pela pergunta: "Tu sabes o que ela disse?", referida aos últimos momentos de vida da mãe de protagonista, criança ainda. Ela não conseguiu já fazer ouvir ao filho a sua última palavra. A palavra de amor, porque seria sem dúvida uma palavra de amor, não chegou a ser dita. Na perspectiva do romance como denúncia do abuso da palavra no mundo moderno, é emblemático que a comunicação não tivesse sido possível entre mãe e filho: a inflação da palavra não conduz afinal à comunhão entre os seres, mesmo os mais próximos. Exemplo máximo da incapacidade, da morte da palavra.

Que a procura da palavra é insistente, que ela incide sobre a palavra essencial, capaz de exprimir o homem todo e a totalidade da vida, vemos no seguinte passo que resume a temática central do romance:

---

(29) *id.*, p.268.
(30) *id.*, p.271.
(31) *id.*, p.35.

"Estás só, agora biliões de palavras se transformaram na vida - uma só que subesses, a única, a absoluta, a que te dissesse inteiro nos despojos de ti. A que atravessasse todas as camadas de sermos e as dissesse a todas no fim. A que reunisse a vida toda e não houvesse nenhum possível da vida por dizer. A que dissesse o espírito do nosso tempo e no-lo tornasse tão inteligível que nem afinal o entendêssemos, o víssemos, como se não vê a luz mas só o que ela ilumina. A que redimisse tudo o que enche um viver e nada deixasse de fora como inútil ou desperdício. A que tivesse em si um significado tão amplo que tudo nela significasse e não fosse coisa vã. A que reunisse em si um homem inteiro sem deixar de fora o animal que também tem de ir vivendo. A palavra final, a palavra total. A única. A absoluta"[32].

Em face dos biliões de palavras inúteis que encheram o mundo, desnaturando-o, o herói vergiliano apela para o regresso da palavra única que reinvente a vida para depois da morte, que reinvente o amor, o homem e o sentido do que o perdeu - numa palavra, que reinvente o homem como sujeito de diálogo. Porque se trata na realidade de um diálogo a que o homem é convocado: o Tu do capítulo XXII (XXXI e XXXVI) apela para uma presença, revela já aí a presença de alguém pronto a reinstaurar o diálogo.

Esse alguem é em *Estrela Polar* um terceiro que, abonando a palavra de comunhão, seja garantia testemunhal do amor. Daí as perguntas insistentes:

"Quem está à nossa espera?" [33]
"perante quem éramos os dois?" (sublinhado no texto)
"Quem era o lugar do nosso encontro?"[34]

---

(32) *Para Sempre*, p.150.
(33) *Estrela Polar*, p.265.
(34) *id.*, p.272.

CONCLUSÃO

Vimos como, nos romances de Vergílio Ferreira, a questão da linguagem vem indissoluvelmente ligada à questão do homem, único na sua identidade, mas também ser em relação, aberto à comunhão e ao diálogo; como a crise da lingugem é crise do humanismo, crise que o herói vergiliano supera para afirmar o homem como valor supremo.

A finalizar esta análise, em que surgiram em confronto a palavra, ferida de opacidade e que não se cumpre como meio de comunicação entre os homens, e o silêncio, fecundo e criador, de que a palavra há-de ressurgir na sua vocação inicial de comunhão, permito-me terminar com uma nova referência a *Para Sempre*, com as palavras com que terminei a recensão que fiz do romance: "Que Vergílio Ferreira tenha tido a coragem cultural e profética de escrever *Para Sempre* mostra já por si que é possível o reencontro com a palavra primordial. Como discurso profético, *Para Sempre* é, além de uma denúncia, um anúncio. Anúncio de uma presença que, subtil mas insistentemente, se vai fazendo sentir em vários momentos do texto (caps. XXII, XXXI, XXXVI) e que me parece ser a mesma do poema inserto em *Conta-Corrente* 3 (p.10.). Presença sub-reptícia, mais quase em forma de presença negada, mas de qualquer modo uma presença que surge e se manifesta no silêncio, em oposição ao "falatar" ruidoso do mundo. Ainda e sempre a travessia do deserto para o reencontro do narrador consigo mesmo e com o Outro sobre Quem só se pode falar apofaticamente. É no silêncio que a palavra se liberta". (*Diário de Notícias*, 16.2.1984).